

O INVENTÁRIO E A DISTRIBUIÇÃO SUBJACENTE DAS VOGAIS TEMÁTICAS NA CLASSE DOS NOMES DO PORTUGUÊS

Carmen Lúcia Barreto MATZENAUER*
Leda BISOL**

- RESUMO: O artigo discute a distribuição subjacente e o inventário das vogais temáticas da classe dos nomes do português. Ao tratar da distribuição subjacente da vogal temática na constituição e na derivação das palavras, o estudo considera a possibilidade de a combinação de sufixos ocorrer com raízes ou com temas e adota a *derivação com base no tema*, admitindo que o tema está armazenado no léxico profundo; assim sendo, a vogal temática está na base do processo de derivação dos nomes da língua desde a subjacência. Na observação de fenômenos da gramática do português, três tipos de critérios dão suporte a essa posição: critério morfofonológico, critério morfológico e critério semântico. Com relação ao inventário das vogais temáticas nominais no português, o estudo reconhece o comportamento singular, nos nomes da língua, que mostra a vogal /e/ ao ser comparada com as vogais /o, a/. Enquanto a vogal /e/ mescla dois papéis: vogal epentética e, de forma restrita, vogal temática, sem correlação com o gênero, as vogais /o, a/ legitimam-se sempre como vogais temáticas e compactuam com o gênero das palavras.¹
- PALAVRAS-CHAVE: Vogal temática. Classe dos nomes. Distribuição subjacente. Derivação e sua base. Morfofologia do português.

Introdução

O objeto deste artigo é a vogal temática (morfema de classe formal ou índice temático), na morfofologia dos nomes do português. Aliando-se aos ainda escassos estudos sobre o tema, visa a uma discussão sobre o inventário e a distribuição subjacente dessa unidade morfológica na constituição e na derivação das palavras identificadas como não-verbos no português do Brasil (PB) e a interface que se estabelece com

* UCPEL – Universidade Católica de Pelotas. Centro de Comunicação e Expressão – Pós-Graduação em Letras. Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil. 96010-000 – carmen.matzenauer@gmail.com

** PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras – Departamento de Letras. Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil. 90619-900 – bisol@puers.br

¹ Agradecemos aos revisores anônimos as importantes observações.

a fonologia da língua. Os fundamentos da análise proposta têm o ponto de partida especialmente em Câmara Jr. (1970), Basílio (2001), Alcântara (2003, 2010), Harris (1999) e Bermúdez-Otero (2007, 2013).

Com relação ao inventário das vogais temáticas nominais, o estudo reconhece o comportamento singular da vogal /e/ como legitimadora de empréstimos (ex.: *club* > *clube*) e apoio ao morfema de plural (ex.: *mar* > *mares*), funções que assume ao entrar na posição de vogal temática (VT), ao lado dos casos em que cumpre o papel de VT (ex.: *vale*), o que ocorre em um número restrito de palavras da língua. Apenas as vogais /o, a/ cumprem o papel de legítimas vogais temáticas, que estão em correlação com o gênero gramatical das palavras, embora por vezes de forma arbitrária, como em *a tribo*, *o cometa*. Todavia a vogal /o/ predomina em nomes masculinos e a vogal /a/ em nomes femininos.

Destaca-se que para este estudo, no tratamento do inventário das vogais temáticas, “estrutura subjacente” significa “input” da palavra base, sem flexão. As vogais /o, a/ estão sempre no “input” da palavra base, enquanto a vogal /e/ não está em palavras acabadas em líquidas, emergindo na pluralização, não está em siglas, emergindo na fala e, embora figure em empréstimos lexicalizados, é reconhecida como epêntese. Com essas funções específicas apresenta-se a vogal /e/, que ainda conta com os casos em que é simples VT.

Vogal temática e derivação gramatical

A imprevisibilidade da vogal temática ao cumprir o papel de categorização na gramática está no substrato da discussão sobre a derivação gramatical e implica uma relação necessária entre morfologia e fonologia, como se verá no desenrolar do texto.

A vogal temática é identificada por Câmara Jr. (1970) como índice classificatório que atribui uma classe morfológica aos nomes e aos verbos da língua. Dividindo os nomes em temáticos e atemáticos, propõe três vogais temáticas: /a, o, e/. Na classe dos verbos do PB, cumprem essa função classificatória as vogais já consagradas /a, e, i/.

Basílio (2001) explica a vogal temática opondo-a ao radical de uma palavra, identificando-a como elemento de definição flexional: agregada ao radical da palavra, a VT forma o tema, que é a base morfológica para a flexão. Contendo, portanto, a VT, o tema é constituído pela palavra menos as marcas flexionais.

Alcântara (2003, 2010), ao estudar as classes formais do português na constituição de não-verbos terminados nas vogais átonas /o/, /a/, /e/, identifica funcionamento diferenciado e defende serem as duas primeiras vogais morfemas de classe formal, enquanto atribui à vogal átona final /e/ o cumprimento de dois papéis: morfema de classe formal ou vogal epentética. Faz a distribuição das três vogais temáticas em quatro classes. A primeira, a classe mais geral, inclui os nomes terminados em /o/, a segunda, os nomes terminados em /a/; na primeira classe, predominam nomes do gênero masculino (*livro*, *gato*), embora nela se insiram vocábulos do gênero feminino

(*tribo, libido*), e na segunda, em que prevalecem nomes do gênero feminino (*pedra, gata*), há também palavras do gênero masculino (*cometa, idioma*). À terceira classe integram-se os nomes a que é atribuída a vogal /e/ na forma singular (*esporte, lebre*) ou na forma flexionada (*mar-mares, algoz-algozes*); tem-se a presença do morfema expresso pela vogal /e/ em vocábulos cuja estrutura fonológica o dispensaria, já que a consoante precedente poderia ocupar a coda da sílaba (*pele, folclore*), como também em estruturas fonológicas que exigem a vogal temática (*parque, alegre*) – nesse caso, a vogal /e/ licencia a entrada de palavras no léxico; nessa classe, não há correlação entre a vogal e o gênero das palavras. A quarta classe reúne os nomes atemáticos, terminados na vogal do radical (*café, sofá*), em segmento consonantal (*joveN, pincel*) e em ditongos (*pai, museu*). Essa caracterização da vogal temática como formadora de classes evidencia relação direta com a derivação gramatical.

Quanto ao processo da inserção ou presença da VT no léxico, há duas opções: a primeira, de base meramente morfológica, tem a raiz como ponto de partida do processo derivacional (*root-driven*) (HALLE; MARANTZ, 1993; MORENO, 1997; SCHWINDT, 2013a); a segunda, de base morfofonológica, tem o tema como ponto de partida do processo derivacional (*stem-driven*), o que implica que, no léxico, há entrada para temas (raiz+VT) (BERMÚDEZ-OTERO, 2013; ALCÂNTARA, 2003). Na primeira, o afixo derivacional é ligado diretamente à raiz (*root-based*); na segunda, o afixo derivacional é ligado ao tema (*stem-based*).

Adotando-se, neste estudo, a derivação com base no *tema*, entende-se que a vogal temática integra as formas armazenadas como entradas lexicais da língua. A justificativa para essa posição é apresentada a seguir.

Distribuição da vogal temática: derivação com base no tema

Considerando a possibilidade de a combinação de sufixos ocorrer com raízes ou com temas, Bermúdez-Otero (2013) apresenta evidências empíricas do espanhol contemporâneo no sentido de defender a superioridade da *derivação com base no tema* sobre a *derivação com base na raiz*. Como parte dessa discussão e como consequência, é tratada também a distribuição subjacente das vogais temáticas. Para o autor, portanto, o tema está armazenado no léxico profundo, encontrando-se a vogal temática, desde a subjacência, na base do processo de derivação. Segundo esse entendimento, a entrada lexical, por exemplo, da forma *menino*, no português, é $[[_N \text{menin-o}]]^2$. Com essa posição, tem de ser considerado o processo de apagamento da vogal temática em muitos casos de derivação³, como, por exemplo, o apagamento da VT -o na forma *meninada*: *meninada* $[[[\text{menin-o}]]\text{ada}] \rightarrow [[\text{meninada}]]$.

² Nas notações formais, colchetes são empregados para as transcrições fonéticas e colchetes vazados, para os constituintes morfológicos.

³ O apagamento da vogal temática átona final antes de sufixo iniciado por vogal é um processo fonológico condicionado morfológicamente.

O apagamento da VT, no entanto, interpõe um problema, pois mascara a estrutura morfológica subjacente do tema dos nomes, possibilitando duas interpretações: (a) VT é uma unidade independente na representação subjacente [[menin]o], derivação a partir da raiz; (b) VT está integrada ao tema no léxico [[menin-o]], derivação a partir do tema. As representações em (1), a seguir, exemplificam as formas de *input* e de *output*, em um mapeamento fonológico, nos dois tipos de derivação.

(1a) - derivação com base na raiz - mapeamento fonológico

<i>Input</i>	[[menin]o]	[[[[menin]ad]a]
<i>Output</i>	[me.ní.no]	[me.ni.ná.da]

(1b)- derivação com base no tema - mapeamento fonológico

<i>Input</i>	[[menin-o]	[[[[menin-o]ad-a]
<i>Output</i>	[me.ní.no]	[me.ni.ná.da]

A derivação com base no tema precisa ser justificada, salienta Bermúdez-Otero (2013), pois, o mais das vezes, não se manifesta nas formas de superfície de palavras. Em palavras como o substantivo derivado [me.ni.ná.da], por exemplo, é pertinente questionar se a base é [[menin] ou [[menin-o]], exigindo, no último caso, o apagamento da VT em processos de derivação, conforme acima referido. A última das duas formas é a adotada pela derivação com base no tema, ou seja, é *stem-based*.

Na relação entre raiz e tema, merece ser enfatizada a especificidade das expressões *base no tema (stem-based)* e *nível do tema (stem-level)*: enquanto a primeira refere requisitos de subcategorização morfológica, a segunda diz respeito a propriedades fonológicas. O autor explica que as gramáticas estão organizadas de modo a respeitar estas correspondências entre construções gramaticais e domínios fonológicos:

- a. Raízes não definem domínios fonológicos.
- b. Um domínio fonológico associado a uma operação de derivação *root-to-stem* tem de ser *stem-level*.
- c. Toda palavra morfológica define um domínio *word-level*.
- d. A categoria mais alta na expressão linguística define um domínio *phrase-level*.⁴

(BERMÚDEZ-OTERO, 2007, p.283).

Assim, um afixo será *stem-level* se definir domínios que chamem restrições do *stem-level*, enquanto será *stem-based* se for acrescido ao tema de uma palavra. Como consequência, diz o autor, um afixo poderá ser, por exemplo, *root-based* e *stem-level*,

⁴ a. *Roots do not define phonological domains.*

b. *A phonological domain associated with an operation of root-to-stem derivation must be stem-level.*

c. *Every morphological word defines a word-level domain.*

d. *The highest phrasal category in the linguistic expression defines a phrase level domain.*

stem-based e *stem-level*, *stem-based* e *word-level*, mas não poderá ser *root-based* e *word-level*, isso porque, conforme explicitado acima, um dos princípios que rege as correspondências que pode haver entre construções gramaticais e domínios fonológicos é que “um domínio fonológico associado com uma operação de derivação *root-to-stem* tem de ser *stem-level*”.

Primeiramente salienta-se que o entendimento de a distribuição subjacente da vogal temática estar vinculada ao tema dos nomes acarreta, como implicação, que essa vogal nunca se manifeste, nas formas de superfície, no meio de sufixos derivacionais adjungidos a temas, ou seja, a VT apenas deve apresentar-se à borda direita de palavras no singular ou antecedendo a marca de número /-S/ em palavras no plural – e esse é fato que efetivamente integra a gramática do português, como integra o sistema do espanhol, conforme Bermúdez-Otero (2013). Note-se que a vogal final da base preservada no interior de certos derivativos está destituída da função de vogal temática, peculiar à posição final de palavra.

A apresentação de argumentos a favor da *derivação com base no tema* para o fenômeno derivacional no português segue a proposta de Bermúdez-Otero (2013) no sentido do estabelecimento de três tipos de critérios: (a) critério morfofonológico; (b) critério morfológico e (c) critério semântico. Sob essas três perspectivas, trazem-se fenômenos do português capazes de oferecer elementos para a *derivação com base no tema* para o processo derivacional na língua, deixando-se de lado a *derivação com base na raiz*.

(a) Critério morfofonológico para a derivação com base no tema

O primeiro critério tem natureza morfofonológica, uma vez que considera o funcionamento de um processo fonológico condicionado morfológicamente. Dados do português são analisados sob esse critério.

Em defesa da *derivação com base no tema* no processo derivação no português, encontra-se um argumento de natureza morfofonológica na metafonia nominal operante na língua. A metafonia nominal é caracterizada por Miranda (2000) como processo fonológico que é aplicado no nível da palavra e que causa a alternância da vogal média labial da raiz, quando o gatilho – a vogal temática labial – está na borda da palavra; a qualidade da vogal média alta labial na sílaba tônica na sequência /o/ ... /o/, segundo a autora, decorre de uma restrição fonotática, que atende a uma condição morfológica. São exemplos: *p[o]rco* (diante de *p[ɔ]rca*, *p[ɔ]rcos*); *[o]sso*, (diante de *[ɔ]ssos*); *n[o]vo*, (diante de *n[ɔ]va*, *n[ɔ]vos*). Do ponto de vista da fonologia da língua, a forma derivada com a vogal média alta na posição tônica mostra ser o fenômeno *word-level*. Conforme foi acima referido, um derivado *word-level* não pode ter base na raiz, ou seja, não pode ser *root-based*. Assim, a base dessa derivação tem de ser *stem-based*, isto é, tem de ter base no tema. Entende-se, pois, que o fenômeno da metafonia nominal no

português é *stem-based* e *word-level*, configurando-se como fundamento favorável à *derivação com base no tema*.

Assim como a metafonía, inclui-se o caso de alternância da vogal da raiz (ex. *b[ɛ]lo* - *b[ɛ]ldade*; *l[ɔ]ja* - *l[ɔ]jista*), em razão do processo de neutralização que as vogais médias do português apresentam em posição pretônica. É um legítimo caso de derivação com base no tema, pois essa alternância vocálica depende do acento e raízes não são portadoras de acento; raízes só podem vir a ter acento em nomes atemáticos de VT zero. Ao operar a derivação em nomes cujas raízes apresentam vogais médias baixas que passam a manifestar-se como médias altas pela neutralização resultante do deslocamento do acento, tem-se um fenômeno *stem-based*. Este é mais um exemplo de *derivação com base no tema*, de natureza morfofonológica.

(b) Critério morfológico para a derivação com base no tema

Passando-se ao critério de natureza morfológica, trazem-se fenômenos do português que mostram evidência da *derivação com base no tema*.

Um dos argumentos com suporte na morfologia é o comportamento do gênero dos nomes derivados, considerando-se que as vogais temáticas /o/ e /a/ compreendem categorias que contêm de forma majoritária nomes dos gêneros masculino e feminino. A pertinência desse fundamento encontra respaldo nos sufixos do português que herdaram o gênero da base, como, por exemplo, sufixos diminutivos *-inho/a*: *o livro*, *o livrinho*; *a casa*, *a casinha*; *-ico/a*: *o verão*, *o veranico*; *a barba*, *a barbica*; *-ejo*: *o lugar*, *o lugarejo* e sufixos aumentativos, como *-aço/a*: *a água*, *a águaça*; *-arra/orra*: *a boca*, *a bocarra*; *a cabeça*, *a cabeçorra*. Essa ocorrência exige que a derivação seja sempre *stem-based* em lugar de *root-based*, já que requer a presença da VT envolvida com o gênero, na base da derivação; reclama, portanto, o tema.

A preservação do gênero da base, no entanto, não é o que se verifica com todos os sufixos formadores de nomes no português, pois há aqueles que impõem seu próprio gênero, como, por exemplo, o sufixo aumentativo *-ão*: *a mulher*, *o mulherão*⁵, e outros como *-ada*: *o pêssego*, *a pessegada*; *-aria*: *o livro*, *a livraria*. Seja o gênero no significado amplo determinado pela palavra ou pelo sufixo, em casos como tais, a base da derivação é o tema.

O português tem exemplos de manutenção da vogal final da base, sem a função de VT, no interior de certos derivativos; trazem-se casos exemplificativos:

a) derivação com o sufixo *-oso*. Em base com VT -o, essa vogal é preservada, manifestando-se como [u] ~ [w]; exemplos: *afeto* > *afet[u]oso*~*afet[w]oso*; *defeito* > *defeit[u]oso*~*defet[w]oso*; *ímpeto* > *impet[u]oso*~*impet[w]oso*; *luto* > *lut[u]oso*~*lut[w]oso*; *preconceito* > *preconceit[u]oso*~*preconceit[w]oso*; *luxo* > *lux[u]oso*~*lux[w]oso*; *monstro* > *monstr[u]oso*~*monstr[w]oso*;

⁵ O sufixo *-ão* recentemente vem copiando o gênero da base (*mulherona*) ou do referente (*sapatona*), sobretudo quando há uma forma lexicalizada concorrente (*caixão* - *caixona*) (agradecemos essa observação a um dos revisores do artigo).

b) derivação com a sequência *-ão*. Em base com VT *-o*, essa vogal é preservada, manifestando-se como [o] ~ [w]; exemplos: *feijão* > *feij[o]ada*~*feij[w]ada*; *ferrão* > *ferr[o]ada*~*ferr[w]ada*; *trovão* > *trov[o]ada*~*trov[w]ada*; *ladrão* > *ladr[o]agem*~*ladr[w]agem* > *ladr[o]eira*~*ladr[w]eira* > *ladr[o]aço*~*ladr[w]aço*;

c) derivação de nomes a partir de verbos (deverbais). Nessa derivação, mantém-se a VT do verbo. A preservação da VT nesse caso justifica-se porque os sufixos que derivam nomes a partir de verbos iniciam por consoante, como *-mento* (exs.: *alinh-a-mento*, *abaix-a-mento*, *chave-a-mento*, *esquec-i-mento*, *acolh-i-mento*, *afer-i-mento*)⁶. Esse fato leva a considerar-se econômica a visão de que a VT, presente nos derivados de verbos, também está na base da derivação em se tratando de nomes.

(c) Critério semântico para a derivação com base no tema

Ancora-se esse fundamento da *derivação com base no tema* em uma relação implicacional: em se considerando que o significado de um derivativo é composicional, então é mais provável que sua base seja um tema em vez de uma raiz. Em português, têm-se exemplos em diminutivos, como em *animalzinho*, *cafezinho*, e em terminações em *-mente*, como em *calmamente* ou *logicamente*, que mantêm uma vogal remanescente da VT da palavra base, sem a função que lhe é peculiar. Palavras terminadas em *-mente* e *-zinho*, como *calmamente* e *cafezinho*, têm recebido interpretações diferenciadas. Para Câmara Jr. (1970), são palavras derivadas por justaposição. Para Menuzzi (1993) e Schwindt (2013b), são palavras prosódicas formadas por composição. Bisol (2010), ao referir-se ao diminutivo, ressalta o papel de /z/ como epêntese, caso de estrutura de superfície, constituindo-se a formação do diminutivo, seja *-inho*, seja *-zinho*, um processo derivacional a partir de *-inho*. Dispensam-se aqui os detalhes dessa discussão que ocuparia um grande espaço, mas vê-los como derivação seria um caso de base no tema.

Um fato observado no português que vem crescer-se aos argumentos favoráveis à *derivação com base no tema*, vinculados ao critério semântico, é a existência de itens lexicais que têm, como única especificidade formal, a vogal temática, mas que apresentam significados diferenciados, embora sejam, em termos mais amplos, relacionados – são palavras como *pingo/pinga*, *saco/saca* e *fruto/fruta*⁷, por exemplo.

Observem-se as especificidades de significado em: *pingo* (VT *-o*) – emprego comum⁸: “pequena porção de líquido que, ao cair, toma a forma de um glóbulo;

⁶ Nesse tipo de derivação, a representação da VT *-e*, da classe dos verbos, mostra alternância com a vogal [i] ([e] ~ [i]) (ex.: *esquecer* > *esquecimento*), assim como a representação da VT *-i*, da classe dos verbos, mostra alternância com a vogal [e] ([i] ~ [e]) (ex.: *adimplir* > *adimplemento*).

⁷ A língua contém diferentes exemplos da mesma natureza; citam-se alguns: *barco/barca*; *horto/horta*; *poço/poça*; *manto/manta*; *banco/banca*; *lombo/lomba*; *sapato/sapata*; *plano/plana*, *cinto/cinta*, *ramo/rama*.

⁸ Os significados aqui registrados foram retirados do Dicionário Eletrônico Houaiss (FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS, 2009) – dentre todos os significados listados, foram aqui referidos os de emprego popularmente mais frequente (daí o uso da expressão “emprego comum”).

gota”; *pinga* (VT -a) – emprego comum: “porção de bebida que se engole de cada vez; gole, trago; bebida alcoólica, aguardente de cana”. Quanto ao comportamento morfológico, observa-se que às duas bases pode ser adjungido o sufixo *-ado*, mas há a especificidade de apenas à base com vogal terminal -o poderem ser adicionados os sufixos *-ar*, *-ada*, *-oso* (*pingo* → *pingar*, *pingada*, *pingoso*), sendo os sufixos *-uço*, *-eiro* adjungidos à base *pinga* (VT -a) (*pinga* → *pinguço*, *pingueiro*) – a acepção de cada base licencia diferentes comportamentos morfológicos.

Fenômeno semelhante ocorre em se tratando de *saco/saca* e *fruto/fruta*. Observem-se, no primeiro caso, as diferenças de significado: *saco* (VT -o) – emprego comum: “receptáculo de papel, pano, couro, ou material plástico, oblongo, aberto em cima e fechado no fundo e nos lados”; *saca* (VT -a) – emprego comum: “grande saco, sacola, receptáculo largo e comprido, pequena mala; maleta”. Há também diferença no comportamento morfológico, ao se considerarem as duas bases já que os sufixos *-aria*, *-inho/a* podem ser adjungidos tanto à base com -o, como àquela com -a, mas os sufixos *-ola*, *-ete*, apenas podem ser acrescidos à base com -o (as formas *sacola* e *saquete* derivam apenas de *saco*).

Passando ao caso de *fruto/fruta*, tem-se que, para *fruto* (VT -o), os significados mais frequentes são: “consequência, resultado final de qualquer coisa (previamente planejada ou não); produto vantajoso; vantagem, proveito; filho, rebento, cria”; para *fruta* (VT -a), mais frequente é o emprego como “fruto ou infrutescência comestíveis”. A especialização de significado, em se considerando a diferença da VT, também tem implicações morfológicas: enquanto a forma com VT -o licencia os sufixos *-ar*, *-ear*, *-escer*, *-ário*, *-oso* (as formas *frutar*, *frutear*, *frutescer*, *frutário*, *frutoso* derivam de *fruto*), a forma com VT -a licencia os sufixos *-aria*, *-eira*, *-eiro*, *-ose* (as formas *frutaria*, *fruteira*, *fruteiro*, *frutose* derivam apenas de *fruta*), em uma verdadeira distribuição complementar. Assim, nesse caso, entende-se que a VT atribui, aos itens lexicais, especificidade formal e semântica, com reflexos no processo derivacional – a VT, nesses casos, tem de estar na base da derivação e o fenômeno é *stem-based* e *word-level*.

Com subsídios dos três critérios aqui discutidos, de natureza morfofonológica, morfológica e semântica, conclui-se que o tema, isto é, a forma com a VT definida, é a base da derivação em português, admitindo-se, conseqüentemente, que VT está inserida no léxico.

Salienta-se ainda que o entendimento de que o afixo derivacional é *stem-based* equaliza o processo de derivação na língua, uma vez que, ao se considerarem bases com VT e bases atemáticas, o afixo será sempre adjungido a uma unidade da língua de mesma natureza.

Inventário das vogais temáticas nominais

O inventário das vogais temáticas na classe dos nomes do português, de acordo com os autores citados na introdução deste artigo, constitui-se no conjunto de três segmentos átonos finais: /o/, /a/, /e/, que cumprem função classificatória na morfologia da língua.

No entanto, na literatura (HARRIS, 1999; VILLALVA, 1994; ALCÂNTARA, 2003, 2010; BERMÚDEZ-OTERO, 2013) é reconhecido um comportamento diferenciado da vogal /e/ no conjunto de segmentos que compõem esse inventário. Villalva (1994) considera índices temáticos apenas as vogais /o/, /a/; a vogal /e/ é descartada, considerando a sua ausência no final átono das formas fonéticas do português europeu (PE).

Alcântara (2003, 2010) atribui apenas às vogais /o/, /a/ a categorização única de morfemas de classe formal, uma vez que a vogal átona final /e/ pode cumprir tanto o papel de morfema de classe formal como o de vogal epentética. Segundo a autora, a vogal /e/ configura-se como morfema de classe formal quando a raiz termina em consoante licenciada para a posição de coda pela fonologia do português (exs.: *mole, vale, pele*), sendo epentética quando é exigida pela fonologia para salvar estruturas mal formadas, com segmentos em coda não licenciados pela gramática (exs.: *dente, neve, parede*).

Harris (1999), no estudo do espanhol, descreve a presença de /e/ átono final em distribuição complementar com a sua ausência: em oposição aos contextos em que ocorre Ø, em que as sequências no final da raiz são fonologicamente admissíveis em palavras da língua (exs.: *mil, común, red*), a vogal /e/ é introduzida nos outros contextos (exs.: *nube, arte, triple*). Semelhantemente, no Português têm-se correlatos, respectivamente, em exemplos como *mar, mal, paz* e como *clube, parque, ave*.

Em oposição às vogais temáticas /o, a/, portanto, a vogal /e/ mostra uma particularidade na condição de vogal temática (*marcador de classe, ou índice temático*), tanto no português, como no espanhol. Ao se observarem as palavras do português terminadas em /e/ átono final, um levantamento no léxico evidencia um resultado que pode ser revelador: é significativamente pequeno o número de palavras cujas raízes terminam em sequências licenciadas pela língua que apresentam a vogal /e/ átona final, dentre as quais estão itens como *mole, vale, pele*⁹.

Considerando-se singular o comportamento da vogal /e/ átona final, abre-se a possibilidade de questionamento de seu funcionamento como vogal temática legítima, presente na subjacência dos nomes da língua. Como parte dessa discussão, passa-se à observação de alguns aspectos que nomes terminados com /e/ átono apresentam, bem como ao exame de fatos vinculados a essa vogal. Quatro pontos são apresentados:

⁹ Esse é o conjunto que, na proposta de Alcântara (2003), constitui a Classe Formal IV, e que soma o total de apenas 61 palavras (ALCÂNTARA, 2003, anexos), considerando pesquisa no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001). Apenas nesses poucos casos a vogal /e/ está no “input”, sendo reconhecida como VT.

1º) a vogal /e/ átona final é atribuída, na condição de elemento epentético, aos empréstimos aceitos pelo PB em casos de a sequência final do radical não ser licenciada pela língua (exs.: *basquete, bife, boxe, clube, chefe, iode*), como também em contextos em que essa sequência final se mostra licenciada (exs.: *console, quermesse, escora, xale, folclore*).

2º) a vogal /e/ átona final mostra alternâncias:

- a) com Ø, em raízes cujas consoantes seriam licenciadas como coda pela fonologia da língua (exs.: *caractere ~ caráter; belvedere ~ belveder ~ belver; prócere ~ prócer*)¹⁰, inclusive em variantes do PB com menor prestígio (exs.: *mole ~ mol; pele ~ pel; gole ~ gol*);
- b) com as vogais temáticas /o, a/ (exs.: *gole ~ golo; triple ~ triplo; chilre ~ chilro; aderece ~ adereço; biopse ~ biópsia; avalanche ~ avalancha; asteque ~ asteca; enfarte ~ enfarto; cale ~ calha; manicure ~ manicura; cabine ~ cabina; clone ~ clono; dengue ~ denço*);
- c) com formas decorrentes de metátese (exs.: *ambre ~ âmbar; acétre ~ acéter; açucre ~ açúcar*);
- d) com formas atemáticas (exs.: *arse ~ arsis; cânabe ~ cânabis; aurífice ~ ourives; isóscele ~ isósceles*).

As alternâncias de que, nesses casos, é alvo a vogal /e/ evidenciam seu comportamento instável, passível de apagamento, de metátese e de substituição pelas legítimas vogais temáticas /o, a/.

3º) a vogal /e/ átona final mostra alternâncias com as vogais temáticas /o, a/ no processo de aquisição da linguagem por crianças brasileiras (ex.: *controle ~ controlo*); em dados de crianças, as vogais /o, a/ podem ser atribuídas inclusive a nomes atemáticos (ex.: *capuz ~ capuzo*)¹¹, enquanto uma vogal coronal átona final somente é atribuída a formas de superfície em estágio de desenvolvimento em que a estrutura silábica CVC ainda não está licenciada para os *outputs* das crianças (ex.: *nariz* → [na'lizi]; *flor* → ['foli]). No processo de aquisição, há evidências de que /o, a/ são consideradas as reais vogais temáticas da língua.

4º) a vogal /e/ átona final não se comporta como gatilho de metafonia nominal, como ocorre, nos nomes da língua com /o/ e /a/ átonos finais (exs.: *br/ε/ve *br/e/ve; l/ε/brε *l/e/brε; l/ε/ve *l/e/ve; t/ε/se *t/e/se*).

Os exemplos apresentam palavras em que a vogal no latim era ě (e breve), de que se derivaram vogais médias baixas no português; se fosse aplicada a metafonia motivada pela vogal átona final /e/, a forma resultante deveria apresentar vogal média alta, mas não é o que ocorre. Assim, essa vogal não parece comportar-se como vogal temática,

¹⁰ Palavras pouco usuais também evidenciam o movimento da língua no sentido do apagamento do /e/ final.

¹¹ Essa atribuição de VT a nomes atemáticos é verificada em fase do processo de aquisição em que a fonologia das crianças já integra estrutura silábica com coda, fato que evidencia que essa epêntese vocálica não pode ser interpretada como decorrente da estrutura complexa da sílaba.

pois, caso o fizesse, deveria esperar-se o comportamento como gatilho de metafofia, em consonância com o comportamento das vogais temáticas /o/, /a/.

Aliam-se esses argumentos a outro que evidencia a diferença de comportamento do /e/ átono final ao ser comparado com as vogais /o, a/: enquanto as vogais temáticas subjacentes /o, a/ estão envolvidas com fenômenos básicos da morfofonologia do português, como a neutralização (bElo>beleza) e a metafofia nominal, conforme referência neste artigo, a vogal /e/ tem envolvimento com fenômenos de superfície, como metátese ou preenchimento do vazio de VT, de acordo com discussão também apresentada neste estudo. Além disso, não pode ser desconhecido o fato, acima referido, de que é muito limitado o número de palavras da língua em que /e/ átona final é atribuída a raízes que terminam em sequências licenciadas pela língua.

Com essa base, assume-se que a vogal /e/ é chamada para ocupar, na estrutura de superfície, o espaço que a morfologia do português destina à vogal temática. Atribui-se, portanto, o status de legítimas vogais temáticas, integrantes da estrutura subjacente da língua, somente a duas vogais /o, a/. Assim, embora três vogais se manifestem na posição de VT, /o, a, e/, são as vogais /o, a/ que naturalmente estão no *input* da maioria das palavras do português, enquanto /e/ somente em casos restritos, como em *mole, vale, pele*, figurando nos demais casos na posição VT por epêntese e como licenciadora de estruturas não permitidas pela língua, o que fica explícito na silabificação.

Considerações finais

Com foco na vogal temática da classe dos nomes do português, o presente artigo discutiu dois pontos: a distribuição subjacente e o inventário das vogais temáticas nominais. Ao ser tratada a distribuição subjacente da vogal temática na constituição e na derivação das palavras, foi considerada, no processo de derivação, a possibilidade de a combinação de sufixos ocorrer com raízes ou com temas. Assumiu-se haver evidências para ser adotada a *derivação com base no tema*, com fundamento em diferentes fenômenos do português, organizados de acordo com três tipos de critérios: (a) critério morfofonológico; (b) critério morfológico e (c) critério semântico. Entende-se que o tema está armazenado no léxico profundo, encontrando-se a vogal temática, desde a subjacência, na base do processo de derivação dos nomes da língua.

Como parte do objeto central do estudo, o artigo também trouxe a questão do inventário das vogais temáticas nominais no português, assumindo que, para os nomes da língua, funcionam duas genuínas vogais temáticas: /o, a/. Com evidências advindas do comportamento singular da vogal /e/ átona final ao ser comparada com as vogais /o, a/, assume-se que a vogal /e/ cumpre o papel de VT em um número restrito de palavras; majoritariamente é chamada para apenas ocupar, na estrutura de superfície, o espaço que a morfologia do português destina à vogal temática. Atribui-se, portanto, o status de legítimas vogais temáticas às vogais /o, a/, naturalmente integrantes do *input* na

maioria das palavras da língua, sendo também portadoras do gênero gramatical da palavra, diferentemente do que ocorre com a vogal /e/.

MATZENAUER, C.; BISOL, L. The inventory and the underlying distribution of theme vowels in the Portuguese noun class. *Alfa*, São Paulo, v.60, n.2, p.341-353, 2016.

- *ABSTRACT: The paper discusses the underlying distribution and the inventory of theme vowels in the Portuguese noun class. Since it deals with the underlying distribution of theme vowels in both word constitution and derivation, the study not only considers the possibility of attaching suffixes to roots or to stems but also adopts the “stem-driven derivation”, admitting that the stem is stored in the permanent lexicon. Therefore, the theme vowel is in the basis of the derivation process of the nouns in the language since its subjacency. The observation of Portuguese grammar phenomena has shown that three types of criteria support this position: morphophonological, morphological and semantic ones. Regarding the inventory of nominal theme vowels in Portuguese, the study recognizes the singular behavior in the nouns of the language of the final-unstressed vowel /e/, by comparison with the vowels /o, a/. The vowel /e/ plays two roles; it is an epenthetic vowel and, in a restricted way, a theme vowel with no correlation with the gender whereas vowels /o, a/ are always theme vowels and agree with the gender of the words.*
- *KEYWORDS: Theme vowel. Noun class. Underlying distribution. Derivation and its basis. Portuguese Morphophonology.*

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, C. da C. As classes formais do português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.45, n.1, p.5-15, 2010.

ALCÂNTARA, C. da C. **As classes formais do português e sua constituição**: um estudo à luz da teoria da morfologia distribuída. 2003. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2001.

BERMÚDEZ-OTERO, R. The Spanish lexicon stores stems with theme vowels, not roots with inflectional class features. *Probus*, [s.n], v.25, n.1, p.3-103, 2013.

BERMÚDEZ-OTERO, R. Morphological structure and phonological domains in Spanish denominal derivation. In: MARTINEZ-GIL, F.; COLINA, S. (Ed.). **Optimality-theoretic studies in Spanish phonology**. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p.278-311.

BISOL, L. O Diminutivo e suas demandas. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, v. 26, n. esp., p.59- 83, 2010.

CÂMARA JR., J.M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa [recurso eletrônico]**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Ed.). **The view from the Building 20: essays in Honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge: MIT Press, 1993. p.111-176.

HARRIS, J. W. Nasal depalatalization no morphological well formedness sí the structure of Spanish word classes. In: ARREGI, K.; BRUENING, B.; KRAUSE, C.; LIN, V. (Ed.). **MIT Working Papers in Linguistics 33: papers on morphology and syntax, cycle one - MITWPL 33**. Cambridge: MIT Press, 1999. p.47-82.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MENUZZI, S. **On the prosody of the diminutive alternation -inho and -zinho in Brazilian Portuguese**. Leiden: Leiden University, 1993. First version to Norval Smith's Hill Course Prosodic Morphology.

MIRANDA, A. R. M. **A metafonía nominal**. 2000. 190 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

MORENO, C. **Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical**. 1997. 206 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

SCHWINDT, L. C. Palavra fonológica e derivação em Português Brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Fonologia: teorias e perspectivas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013a. p.15-28.

SCHWINDT, L. C. Neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 137-154, 2013b.

VILLALVA, A. **Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português**. 1994. 399 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

Recebido em fevereiro de 2015

Aprovado em setembro de 2015

